

UM GRANDE BRASILEIRO

IDEALISMO E AÇÃO,
DEVOTAMENTO E ESPÍRITO PÚBLICO,
PERTINÁCIA E TRABALHO:
M. A. TEIXEIRA DE FREITAS



"IN MEMORIAM"

UM GRANDE BRASILEIRO

IDEALISMO E AÇÃO,
DEVOTAMENTO E ESPÍRITO PÚBLICO,
PERTINÁCIA E TRABALHO:
M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

“IN MEMORIAM”

1999

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Nota prévia | 7 |
| Dados biográficos de Dr. M. A. Teixeira de Freitas | 11 |
| Último adeus a Teixeira de Freitas – <i>Moacir Malheiros F. Silva</i> | 21 |
| Um produtor de idéias – <i>Raul Lima</i> | 31 |
| Idealismo e espírito público (Como eu via Teixeira de Freitas) – <i>Fernando de Azevedo</i> ... | 39 |
| A extraordinária figura humana de M. A. Teixeira de Freitas – <i>Lourenço Filho</i> | 59 |
| Um grande brasileiro: M. A. Teixeira de Freitas – <i>Waldemar Lopes</i> | 67 |
| Anexos | 79 |

NOTA PRÉVIA

PODE-SE afirmar, sem erro nem exagero, que nenhum homem público brasileiro recebeu, neste século, consideradas a significação e a amplitude, homenagens maiores, ou sequer equivalentes, às que teve, ao falecer em fevereiro de 1956, o eminente estatístico Dr. M. A. Teixeira de Freitas, considerado pelo próprio Governo da República “o funcionário público nº 1” deste País.

Dotado de altas qualidades morais, dedicação integral ao estudo dos problemas nacionais, idealismo e capacidade de ação, teve o seu nome consagrado pelo respeito e a admiração das nossas elites políticas e intelectuais e do povo em geral.

Criador do IBGE, estendeu pelo País inteiro uma rede de serviços modelares – as Agências Municipais de Estatística –, que, em sua clara visão de nossas rea-

lidades, não se destinariam apenas a fins estatísticos, mas teriam atuação bem mais vasta, como órgãos propulsores do desenvolvimento cultural e da melhoria de vida de todas as comunidades brasileiras. Seu idealismo não apresentava limitações, quando o objetivo era o bem do Brasil. A isto dedicou sua existência inteira – sem quaisquer ambições de poder ou de mando: simples, modesto, inteiramente devotado ao interesse público.

Daí se explica por que, quando de sua morte, há mais de quatro décadas, não houve um só dos 1.500 Municípios então existentes no Brasil, um só, em que não lhe fossem prestadas as homenagens mais justas e expressivas. Homenagens, também, em grande número, teve ele no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas e Câmaras de Vereadores. Praças, avenidas, ruas, escolas, bibliotecas passaram a ter o seu nome no País inteiro. E, mais expressivo ainda, logo veio a chamar-se “Teixeira de Freitas” um dos mais progressistas municípios de seu Estado natal, a velha e querida Bahia.

Apesar de tudo isso, ainda não foi de todo resgatada a dívida do Brasil para com um dos mais eminentes de seus filhos, e insuperável servidor, Dr. M. A. Teixeira de Freitas.

Esta modesta plaqueta é mais uma pequena contribuição em honra de sua memória e em louvor de sua obra. Centenas e centenas de artigos e ensaios já

foram escritos a esse respeito, por figuras das mais ilustres da intelectualidade brasileira. Na impossibilidade de reproduzi-los todos, trazemos a estas páginas, em complementação às notas biográficas do inesquecível morto, o comovido discurso pronunciado, em seu velório, pelo engenheiro Moacir Malheiros F. Silva, alto funcionário do Ministério da Viação; um expressivo artigo de jornal do escritor Raul Lima, que exerceu, no Rio de Janeiro, elevadas funções públicas, inclusive, por mais de dez anos, as de diretor do Arquivo Nacional; os pronunciamentos de dois ilustres brasileiros, o Professor Fernando de Azevedo, eminente sociólogo e escritor, e o Professor Lourenço Filho, grande educador, que tão notáveis serviços prestou à educação brasileira. Por fim, o teor do discurso pronunciado no Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, em sessão de homenagem à memória do grande brasileiro no primeiro aniversário de seu falecimento, pelo Acadêmico Waldemar Lopes, dedicado colaborador de M. A. Teixeira de Freitas e com este mais do que ninguém identificado, afetiva e ideologicamente.

Todos eles foram amigos devotados e admiradores incondicionais do ilustre morto, cuja atuação, na vida pública brasileira, sempre deve ser reverenciada como um exemplo singular na história da República.

A EDITORA

DADOS BIOGRÁFICOS
DO
DR. M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

FILHO do Prof. Afonso Augusto Teixeira de Freitas, destacada figura do magistério paranaense, engenheiro e escritor, nasceu o Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas em São Francisco do Conde, no Estado da Bahia, a 31 de março de 1890.

Ainda muito moço, e já formado em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, conquistou, por concurso, em 1908, um lugar na antiga Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Viação, onde sua inteligência viva, espírito de iniciativa e capacidade de trabalho lhe proporcionaram, desde cedo, natural ascendência entre os companheiros de repartição. Coube-lhe, nessa fase, promover numerosas pesquisas estatísticas até então inéditas

no país e realizar, pessoalmente, vários estudos com base nos levantamentos efetuados.

Em março de 1920, foi nomeado, a convite de Bulhões Carvalho, Delegado Geral do Recenseamento em Minas Gerais, desempenhando essa comissão até o encerramento dos trabalhos censitários no Estado. Sua notável atuação naquele cargo levou o Governo mineiro a convidá-lo para reformar a organização estatística estadual, dando-lhe plena liberdade de iniciativa. Teve, então, o Dr. M. A. Teixeira de Freitas a oportunidade de ensaiar a aplicação, no campo da estatística, do sistema de cooperação interadministrativa entre diferentes esferas de governo, no caso, o federal e o estadual, sistema esse de que se tornaria um ardoroso defensor. Como diretor do Serviço de Estatística Geral de Minas Gerais, depois Departamento Estadual de Estatística, lançou importantes trabalhos, dentre eles o *Anuário Estatístico do Estado*, o *Anuário Demográfico*, o *Anuário de Legislação e Administração Municipal*, o *Atlas Corográfico Municipal de Minas Gerais*, a *Carteira Estatística de Minas Gerais* e a *Divisão Administrativa e Judiciária de Minas Gerais*.

Deixando a direção do Serviço de Estatística de Minas Gerais, em 1930, veio para o Rio de Janeiro e, a convite do Governo Provisório, colaborou na organização do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública, no qual passou a dirigir a Diretoria de Informações, Estatística e Divulgação, que logo se

tornou o centro dinamizador das atividades da nova Secretaria de Estado. É aí que concebe, em grandes linhas, o plano de cooperação interadministrativa, de âmbito nacional, exposto em tese apresentada à IV Conferência Nacional de Educação, de 1931, e que, estruturando e unificando as estatísticas do ensino em todo o país, através do Convênio Nacional de Estatísticas Educacionais e Conexas, celebrado entre a União e os Estados, seria o ponto de partida de toda a evolução do sistema estatístico brasileiro.

Mais tarde, o Dr. M. A. Teixeira de Freitas colaborou decisivamente com o então Ministro da Agricultura, General Juarez Távora, na criação de um serviço de estatísticas da produção e não mais se deteve em seus esforços no sentido da coordenação de todas as atividades estatísticas nacionais, à base da cooperação intergovernamental. Relator da Comissão Interministerial que estudou a organização do Instituto Nacional de Estatística, criado em 1934, graças à sua atuação incansável, a ele se deve, também, a realização da Convenção Nacional de Estatística de 1936, que subscreveu como representante do Ministério da Educação e Saúde. No instrumento de acordo firmado pelos delegados da União e de todas as Unidades Federadas, os problemas estatísticos do país foram equacionados com grande acuidade e precisão, constituindo aquele documento, de autoria do ilustre brasileiro, uma síntese admirável de muitos dos objetivos

por ele defendidos em longa pregação, animada sempre do mais ardente patriotismo.

Criado o Instituto, depois denominado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em virtude da fusão dos serviços estatísticos e geográficos, nas mesmas bases de cooperação interadministrativa, o Dr. M. A. Teixeira de Freitas foi o primeiro a ocupar, até 1948, o cargo de Secretário-Geral, sem prejuízo das funções de Diretor do Serviço de Estatística da Educação e Saúde, que também exercia. Aposentou-se em dezembro de 1952, após 44 anos de serviço público, que não cessou, aliás, nessa ocasião, pois ainda durante muitos anos se entregou o eminente patricio ao estudo de nossos problemas fundamentais. Ainda assim participou ativamente das reuniões do Instituto Interamericano de Estatística – em cuja fundação, verificada em 1941, exerceu destacado papel, tendo sido, por isso, eleito seu primeiro presidente e, mais tarde, presidente honorário – e da 29ª Sessão do Instituto Internacional de Estatística, do qual era vice-presidente. Em 1953, compareceu, como delegado do Brasil, à reunião do IIE, realizada em Haia.

Como Secretário-Geral do IBGE coube-lhe conceber, planejar e consolidar a organização estatística brasileira, imprimindo-lhe não somente as marcas do seu espírito como a capacidade de realização que se impôs ao respeito da opinião pública nacional e fir-

mou-se no conceito das entidades internacionais. Sua atuação, nesse ponto, foi realmente exemplar, sobretudo pelo idealismo e pertinácia com que tornou vitoriosa uma experiência de tal envergadura e sem precedentes na vida administrativa do País.

Antigo presidente da Associação Brasileira de Educação e da Sociedade Brasileira de Estatística, membro da Liga Brasileira de Esperanto, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira dos Municípios, da Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres, da Liga da Defesa Nacional, da Sociedade Nacional de Agricultura, da Ação Social Arquidiocesana e do Conselho Diretor da Fundação Getúlio Vargas, o Dr. M. A. Teixeira de Freitas foi um pregador incansável, de ânimo verdadeiramente apostolar, de largas e generosas idéias. Entre as causas por que se bateu figuram a maior difusão do ensino e sua adequação às necessidades do País, a revitalização dos Municípios, a redivisão territorial, incluindo a interiorização da Capital Federal, o prevalemento do sistema métrico decimal, a instituição de Colônias-Escolas, a cooperação interadministrativa em vários campos das atividades governamentais, a reforma do Registro Civil, a uniformização ortográfica, a adoção do Esperanto como língua auxiliar, a criação de bibliotecas e museus municipais, a reestruturação da administração brasileira. Parti-

cupou ativamente de numerosas iniciativas e campanhas de objetivos cívicos e culturais, tendo sido o promotor da I e II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística, da I Exposição Nacional de Mapas Municipais, das comemorações do Batismo Cultural de Goiânia e da instituição do Dia do Município. Colaborou, com grande eficiência, nas primeiras Semanas Ruralistas levadas a efeito no País, e no movimento de renovação do sistema educacional brasileiro, promovido pela ABE. Apontado pelo então presidente do DASP, Sr. Luís Simões Lopes, como “funcionário público nº 1 do Brasil”, por suas excepcionais qualidades de servidor da Nação, teve o seu nome proposto para inscrição no Livro do Mérito, iniciativa que não chegou a concretizar-se, tal o empenho com que, em sua modéstia, a ela se opôs o homenageado.

Quando à frente da Secretaria-Geral do IBGE, o Dr. M. A. Teixeira de Freitas assinalou a sua atuação tanto pelo vigoroso impulso que imprimiu a todas as atividades estatísticas nacionais, como pela iniciativa de numerosas resoluções do Conselho Nacional de Estatística e de leis federais do maior alcance, quer para a consolidação do sistema estatístico-geográfico, quer para o interesse geral do País. Cumpre referir, entre as primeiras, as que fixaram diretrizes de reforma social ou ofereceram sugestões ao encaminhamento dos problemas de base do Brasil, e entre as segun-

das, o Decreto-lei nº 311, que estabeleceu a inalterabilidade, em períodos quinquenais, da divisão territorial-administrativa e judiciária das Unidades da Federação, em Distritos, Municípios, Termos e Comarcas, e respectiva revisão segundo normas racionalizadoras devidamente fixadas, com a delimitação obrigatória dos quadros urbanos, suburbanos e rurais; o Decreto-lei nº 969, que determinou a realização decenal, nos anos de milésimo zero, do Recenseamento Geral do Brasil; o Decreto-lei nº 1360, que estabeleceu disposições padronizadoras para o núcleo das repartições federais do sistema do Instituto; e o Decreto-lei nº 4181, que, além de dispor sobre a criação das Secções de Estatística Militar nas Unidades da Federação, autorizou a realização dos Convênios Nacionais de Estatística Municipal, possibilitando, assim, a solução do grave problema da coleta de dados no âmbito municipal, de capital interesse para a estatística geral e, de modo especial, para os estudos necessários à segurança nacional.

O Dr. M. A. Teixeira de Freitas publicou numerosos trabalhos, entre os quais se destacam: *O ensino primário no Brasil, O que dizem os números sobre o ensino primário, Os serviços de estatística do Estado de Minas Gerais, O reajustamento territorial do Brasil, O problema do Município no Brasil atual, A educação rural, A Constituição de 1934 e a ortografia, O Exército e a educação nacional, Teses estatísticas, O IBGE e a segurança nacio-*

nal, O IBGE e os governos regionais, Dispersão demográfica e escolaridade, A evasão escolar no ensino primário brasileiro, A estatística e a organização nacional, A redivisão política do Brasil, O ensino primário brasileiro no decênio 1932/1941, A escolaridade média no ensino primário brasileiro e Problemas de organização nacional.

Através de artigos, discursos, entrevistas e conferências, defendeu sempre ardorosamente as idéias que o empolgavam, para elas conquistando, com um raro poder de persuasão, adeptos entusiastas. Vários de seus trabalhos foram traduzidos e divulgados em publicações especializadas de outros países. Membro de numerosas instituições técnicas e culturais estrangeiras, mereceu ainda a elevada honra de ser eleito “Honorary Fellow” da Royal Statistical Society, de Londres, e “Fellow Member” da American Statistical Association. Por sua vez, a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Estatística, em expressiva Resolução, proclamou-o, em 1950, “membro permanente” do mesmo Conselho. Católico praticante, figuram entre suas obras inacabadas dois livros de alto cunho filosófico-religioso.

Esposo exemplar, Dr. M. A. Teixeira de Freitas era casado com uma prima, D. Rosalina L. Teixeira de Freitas, senhora de grandes virtudes de espírito e coração, descendente de tradicional família, e que lhe sobreviveu. Filhos do casal: o engenheiro civil Augusto L. Teixeira de Freitas e o técnico de administração e estatística Antônio P. L. Teixeira de Freitas. Ambos, já falecidos, exerceram altas funções em órgãos da União e do antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro).

ÚLTIMO ADEUS
A TEIXEIRA DE FREITAS

MOACIR MALHEIROS F. SILVA

*Discurso proferido pelo Dr.
Moacir Malheiros F. Silva,
representante do Ministério
da Viação no Conselho
Nacional de Estatística, à
hora da saída do corpo do
eminente brasileiro para o
Cemitério de São João
Batista, no Rio de Janeiro.*

MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS:

Este nome, este nobre nome que trouxeste do berço e agora entregas, puro e glorioso, à posteridade; este nome, tão agradável de ouvir-se e tão fácil de memorizar-se, pois as próprias forças iminentes da criação o marcaram com a sonoridade de um eneassílabo perfeito, como a assinalar, desde logo, o raro ser predestinado a que ele ia ligar-se para sempre; este nome, que foi o teu nome nesta existência terrena, – jamais o ouvi pronunciado, em dias de tua vida, nos seus últimos anos, que não fosse, logo a seguir, acompanhado de referências as mais nobilitantes e enaltecedoras, coroadas, comumente, por estrepitosas palmas.

E, agora, acabo de enunciá-lo, em voz bem alta,

pausadamente e... a segui-lo ouvimos apenas o silêncio, este impressionante silêncio branco, este profundo silêncio de mármore...

Que transformação tão súbita será esta?!...

Que terá ocorrido em relação a Ti, ou em relação a nós?!...

– É que estamos diante da Morte, estamos diante da Grande Muda, e para ela, misteriosa ancila de Deus, – também, como Este, eternamente silenciosa, – todas as nossas palavras humanas são inexpressivas, toda a nossa eloqüência terrestre é simplesmente vã...

Diante da Morte só duas atitudes parecem compatíveis com a fragilidade das criaturas mortais: a atitude das lágrimas, daqueles aos quais Deus ainda concede a graça de vertê-las, como expressão sincera e incontenível de sua delicada natureza espiritual; ou a atitude do silêncio, da mudez absoluta, que traduz a resignação filosófica diante do inevitável, do invencível, do inelutável, por mais que ele venha ferir, forte e fundo, a nossa sensibilidade emocional.

– Meu grande, meu saudoso Mário Augusto Teixeira de Freitas!...

Essa atitude de silêncio, de profundo e respeitoso silêncio, de religioso silêncio, deveria ser a minha atitude pessoal, neste emocionante momento em que nos despedimos de teus despojos mortais, pois que teu ser espiritual, teu verdadeiro ser, a tua alma, tua

alma perfeita e puríssima, tendo transposto os umbrais da Eternidade, já deve estar deslumbrando-se ante os esplendores divinos de sua própria imortalidade e glorificação.

Certo, como estou, dessa tua imortalidade e, conseqüentemente, de tua glorificação, dadas as tuas altas virtudes nesta vida transitória, – quisera eu ter tido, neste momento profundamente angustiante, aquela atitude de religioso silêncio.



Deveria eu ter tido essa atitude do mais profundo e respeitoso silêncio.

Mas, no momento, devo falar não só a pedido dos dois Conselhos do Instituto, da Junta Executiva Central de Estatística e do Diretório Central de Geografia, que me impuseram esta incumbência dolorosa, mas, também, dada a minha eventual posição neste Instituto, falo em nome de toda a grande família ibgeana, para trazer-Te as expressões de nossas últimas homenagens, de nossos adeuses derradeiros e de nossas antecipadas saudades, ao ver partir para sempre o nosso grande, o nosso querido e sempre lembrado Mário Augusto Teixeira de Freitas.

E se, lamentavelmente, todas as palavras se me afiguram vazias diante do impenetrável, misterioso,

angustiante silêncio da Morte, que me seja permitido ao menos, nestes últimos instantes em que o temos ainda entre nós, evocar um pouco a vida, isto é, algumas impressões sobre este homem extraordinário, que foi Mário Augusto Teixeira de Freitas.

De uma simplicidade, de uma naturalidade, de uma encantadora modéstia, que de logo ressaltava de sua própria pessoa física e mesmo de seu modo discreto de trajar-se, era, entretanto, de uma delicadeza inata, de uma bondade comunicativa, de uma solidariedade humana que só os raros possuem.

Não pensava jamais em sua própria pessoa; pensava, sentia, ansiava e sofria pelos outros, por toda gente, pelos brasileiros em geral, pelo Brasil, em particular, pela Humanidade, sem distinções de credos e de cores, ansiando e prefigurando sempre um progresso crescente, rápido, constante, ininterrupto, de nossa gente, de nossa terra em todos os seus recantos, de nossas instituições, mas também dos demais povos do mundo.

Daí seu ardente entusiasmo, jamais esmorecido, pelo esperanto, como língua universal, pois via, nesse idioma auxiliar, uma das formas de possibilitar-se o desejado entendimento cordial de todos os habitantes deste globo.



Da última vez que tive a felicidade de sua presença, ouvi-o com aquela atenção admirativa que sempre me inspirou, desde que o Destino, em 1938, me concedeu a ventura de conhecê-lo, e trabalharmos juntos, na Comissão de Estudos do Conselho de Segurança Nacional.

Nesse último encontro, entre outros assuntos, falou-me de suas preocupações de ordem filosófica e do estudo que estaria fazendo da grande figura de Pitágoras e dos denominados números *pitagóricos*...

Falava com aquela admirável facilidade torrencial, que constituiu um dos característicos de sua marcante personalidade.

Isso não foi há muito tempo, não. Alguns meses apenas. Menos de um ano!... E nem por sonho, naquele momento, poderia passar-me pela mente que, tão breve, o perderíamos para sempre!...



Este homem que, certa feita, denominei homem cósmico, pois que, parece, sua inteligência, suas preocupações sobre os múltiplos aspectos da verdade, da beleza e do bem, ultrapassavam o âmbito do nosso planeta, – este homem superior, sob todos os aspectos em que possa considerar-se uma criatura humana, dava-me a impressão – para servir-me de símbolos, – de duas chamas juntas, sempre acesas: uma, delicada,

suave, ardendo brandamente, na cor verde da esperança, – e era a sua bondade; outra, multicolorida, em labaredas altas, inquietas, – a sua inteligência fulgurante, a sua vibratilidade excepcional!

E era de ver-se, em seus momentos de exposição de viva voz, a sua eloquência defluindo em verdadeiras catadupas, em formas vocabulares perfeitas, impregnadas de lógica e de ânsia de aperfeiçoamento no esforço humano individual e coletivo.

De tempos em tempos, costumava ele intercalar aquelas torrentes preciosas, com duas palavras simples e cordialmente comunicativas:

– “*Meus amigos...*”

E continuava, sem mover-se quase de sua atitude corporal costumeira, com a cabeça um pouco inclinada para a frente e como se, por trás de seus óculos escuros, estivesse a olhar para muito longe e a ver, lá, muito longe, luminosas, vibrantes – em algum ponto do universo, invisível para o auditório, – aquelas palavras todas, que jorravam de seus lábios, ininterruptamente...

“Meus amigos!...” Era como ele nos tratava a todos nós, seus ouvintes, sempre atentos e delicados.

Mário Augusto Teixeira de Freitas! ... Agora, aqui estão, dizendo-te o último adeus, os “teus amigos”, os teus admiradores, os teus discípulos, os continuadores da tarefa ingente, que a Ti mesmo te impuseste e a quantos se abeberaram nos teus sábios ensinamentos,

isto é, a utilíssima tarefa de dar ao Brasil as estatísticas que ele precisa ter e que hão de fazê-lo maior e melhor, – *maior*, no sentido de seu progresso material, e *melhor*, no sentido de sua cultura moral.



Desapareces do número dos vivos, ainda prematuramente, pois mal vinhas começando a última quadra da existência.

Muito havia ainda em teu coração e em teu cérebro, de bondade e de inteligência, muitos sonhos a serem convertidos em realidades, para o bem geral; muitos sonhos, os teus admiráveis sonhos, por vezes aparentemente utópicos, mas sempre inspirados nos propósitos mais altos, mais puros, mais impessoais.

A par de tua invejável inteligência criadora, foste, do ponto de vista moral, um ser puríssimo, um verdadeiro santo. Nem faltou, sequer, para tua completa glorificação espiritual, o martírio derradeiro, que foram os sofrimentos terríveis de teus últimos dias.

Não alcançamos, nem o pretenderíamos jamais, os altos, misteriosos desígnios divinos, mas, de nossos pontos de vista estritamente humanos, entendemos que desapareceste ainda cedo, antes do que fora natural esperar-se.

Terminaste a tua vida mortal, mas, por isso

mesmo, alcançaste, desde agora, a imortalidade, pois ao teu nome sonoro estará sempre ligada, na memória das gerações sucessivas, essa grandiosa obra, cuja chama inicial acendeste e por toda a tua vida, vigilante, mantiveste; com *fogo sagrado*; essa obra eterna, que ora se denomina Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Mário Augusto Teixeira de Freitas! No momento em que transpões o grande, o eterno, o misterioso silêncio da Morte, os teus amigos dos dois Conselhos e todos os teus amigos do IBGE, profundamente abalados pela tua partida prematura, e desde já saudosos de tua pessoa boníssima, te deixam aqui, comovidamente, o seu último adeus!...

UM PRODUTOR DE IDÉIAS

RAUL LIMA

Artigo publicado no Diário de Notícias (Rio de Janeiro, D.F.) logo depois do falecimento do fundador do IBGE.

NUM deserto de idéias, Mário Augusto Teixeira de Freitas teria de ser considerado oásis, manancial, usina geradora.

O Brasil não conheceu bastante, não percebeu devidamente a estatura intelectual e moral dessa extraordinária figura humana, servida por uma rara cerebração e que acaba de perder. Mas, nestas duas últimas décadas, dificilmente se encontrará obra de publicista com alguma substância, plataforma de candidatos ou de partido, formulação de objetivos fundamentais do País, em que não estejam presentes frutos da pregação cívica do grande e quase ignorado brasileiro.

Ao contrário dos que fazem política, disputam cargos, projetam-se no cenário nacional sem pontos de vista próprios, servindo-se das meditações alheias ou adotando as influências de momento, viveu ele a lutar pelas suas concepções, não raro anonimamente, procurando convencer os que dispunham de poder, omitindo-se, atribuindo sempre a outrem as vitórias que ele inspirara, os êxitos que ele arquitetara linha por linha.

Os que o conheceram menos superficialmente sabem da profundidade e do fervor do seu apostolado. Os que o ouviram dissertar sobre a cooperação interadministrativa, o ensino primário suficiente e adequado, a redivisão territorial, o municipalismo, o esperanto, a justiça social e outros itens do seu ideário cívico e humanístico sabem da extraordinária flama, da força de argumentação com que estabelecia corpos de doutrina e equacionava as soluções para os grandes males do País e para a melhor compreensão e convivência de todos os povos.

No parlamento, ou na imprensa leiga, atuando nos cenários abertos, Teixeira de Freitas teria subido às culminâncias de um Ruy Barbosa, porque possuía qualidades vigorosas de orador, de um Tavares Bastos ou Alberto Torres. A seus trabalhos, porém, imprimia a marca modesta do funcionário técnico. Sua dialética poderosa era empregada para convencer, nas reuniões

de iniciados, aliciando adeptos, armando “cruzados, semeando a mística”.

Não terá havido, neste País, quem se haja dedicado tanto e tão exclusivamente ao serviço público, fazendo voto de pobreza, recusando postos superiores de governo, abstendo-se mesmo de condições elementares de conforto até o fim de uma carreira que durou 44 anos, continuando a meditar e a trabalhar mesmo depois de sua aposentadoria e apesar de precárias condições de saúde.

Conheci o nosso “Doutor Teixeira” há dezesseis anos, quando aqui cheguei, vindo da província, mais propriamente do interior. Cometia eu a migração que ele combatia e tive de ouvir-lhe apaixonada exposição sobre o dever de cooperar com a pequena comunidade onde se vive, esforçar-se pelo progresso geral. Vinha agarrar-me à metrópole, porém, na verdade, já merecera a sua atenção com alguns artigos sobre o recenseamento de 1940, em organização. Não demorei a tornar-me um de seus mais humildes discípulos e auxiliares na Casa, o IBGE, que ele criou e formou pelo exemplo de sua vida imaculada e seu devotamento ímpar, a instituição respeitada, de que tanto como ele nos orgulhávamos.

Em administração, não era um racionalista enquadrado em princípios vulgares, um homem de concepções simples. Tinha o ímpeto da originalidade

nos planejamentos, como autodata inspirado. Foi dito da organização do sistema estatístico-geográfico que se assemelha a complicado engenho de relojoaria, mas ninguém jamais pode negar o arrojo e eficácia da tentativa de articular todos os serviços dessas duas especialidades sem quebra dos princípios federativos e do respeito às autonomias governamentais.

O único erro de Teixeira de Freitas terá sido, com aquela pureza de coração, aquela bondade imensa e inesgotável, ausência absoluta de malícia, imaginar em cada um dos postos do serviço público, na execução de cada uma das tarefas, no exercício de todas as missões, que os seus esquemas continham ou previam, indivíduos com as mesmas qualidades efetivamente excepcionais que ele possuía.

Mas, a propósito de sua atuação como administrador, porventura aquém de sua capacidade de pensador, de reformador, de idealista, sempre me lembro do raciocínio de um ortodoxo em ciência administrativa que todavia bem o compreendeu: “É preciso concordar mesmo com os atos aparentemente mais errados de Teixeira de Freitas, pois contêm sempre uma intenção alta e geralmente dão bons resultados.” Seria como escrever certo por linhas tortas.

O Brasil não se dá conta da perda que acaba de sofrer. Foi Mário Augusto Teixeira de Freitas um distribuidor de títulos, um promotor de homenagens, um entusiasta proclamador de méritos alheios

enquanto se refugiava na penumbra de seu modestíssimo gabinete de trabalho, recusando qualquer honraria, negando-se a tirar retrato, numa humildade sincera de santo. Pareceu certa vez, a um intelectual que o procurou e se impressionou com o homem de óculos escuros e o ambiente pobre que ele dilatava com o pensamento largo, “um grande pássaro triste”.

Sua tristeza terá sido constante, a tristeza do patriota, que viveu sonhando a perfeição para o seu país, a que ele amou e serviu com insuperável dedicação, sem prêmios nem recompensas, e ao qual dedicava ainda nos últimos dias os restos de seu pensamento iluminado e fecundo e as forças expirantes de um coração inexcedível de generosidade.

De olhos postos na face de Deus, enquanto viveu, com a sua fé consciente e profunda, há de lhe ser dado agora contemplá-La e vê-La sorrir o sorriso do Pai ao bom e justo, servidor fiel e filho amado.

IDEALISMO E ESPÍRITO PÚBLICO

(Como eu via Teixeira de Freitas)

FERNANDO DE AZEVEDO

Este substancioso ensaio sobre a personalidade e a obra do Dr. M. A. Teixeira de Freitas, de autoria do eminente sociólogo paulista, foi divulgado logo após o falecimento do ilustre brasileiro, que tanto o admirava.

F

EZ-SE um vazio no coração do mundo estatístico e no da educação quando, em 1955, lhes foi arrebatado um dos seus servidores mais fiéis e um de seus líderes mais altos: Mário Augusto Teixeira de Freitas. Esse homem retraído e melancólico, a que o trajar severo e os óculos escuros emprestavam aspecto mais sombrio, andando sempre de cabeça baixa e falando à meia voz, muito perto do interlocutor e inclinado para ele, era, no entanto, uma força viva e um dos cidadãos de maior prestígio e influência no País. Prestígio pessoal, sem dúvida, que não provinha de cargos e posições nem se escudava no poder de grupos, mas dele se desprendia como esse fluido estranho que emana da personalidade inteira e da conduta

inspirada por uma nobre e generosa concepção de vida. Afável, mas sem perder a gravidade de seu aspecto; prudente e reservado, um pouco tímido, a não ser quando defendia em público suas idéias, existir, para ele, como para Kierrekeggard, era sempre “escolher e apaixonar-se”, mas de uma paixão por assim dizer concentrada, avessa a arrebatamentos e marcada por uma pertinácia que ia às vezes até à obstinação. Pelo gosto dos colóquios, por sua voz macia, que não raramente resguardava com a mão à boca, falando-nos quase ao ouvido, tinha mesmo uns ares de conspirador, e o foi terrível, mas a seu modo. Se o víamos a um canto, no saguão de um hotel, à mesa de um restaurante, à porta de uma livraria, a conversar com um amigo, podíamos logo dizer, sem engano, que estava conspirando. Não contra alguém, nem contra os poderes constituídos, mas a favor do Brasil. Era sempre um problema do País que discutia, uma campanha que projetava desencadear.

O que fazia, porém, sua força, não eram somente a dignidade de vida, a inteireza de caráter, o despreendimento pessoal, nem apenas a capacidade de conquistar amigos e de atraí-los para suas campanhas. A fidelidade intransigente às convicções, a firmeza e elevação de propósitos, aliada à fidalguia de trato e à tolerância, política e religiosa, com que chamava a si os de crenças diferentes, dispostos a colaborar, acima de divergências doutrinárias, contribuía certamente para

armá-lo de grande autoridade e eficiência na realização de seus planos. Mas, com bastarem tantas qualidades e em tão alto grau para lhe darem um prestígio singular, o segredo de sua força parecia antes residir no seu espírito público, tanto mais edificante quanto mais despojado de interesse e ambições políticas. Só pensava, sentia e agia em termos do País e de seus problemas, que constituíam, em toda sua vida, sua preocupação dominante. Não houve de fato, um só dentre eles que não tivesse entrado em suas cogitações cotidianas ou não tivesse abordado: a economia nacional, o petróleo, a divisão administrativa do País, a organização social e política, a mudança da Capital para o Planalto, a reforma ortográfica, a educação nacional e, sobretudo, a organização dos serviços estatísticos, – a obra de maior vulto e alcance que empreendeu. Não se contentava, aliás, em atacá-los e discutí-los nem restringia o seu interesse aos debates para os pôr em seus termos e esclarecê-los. Trazia para cada um deles nem sempre a solução mais racional e objetiva, mas a sua solução, com minúcias que nos causavam espanto. Era um moinho poderoso que não cessava de moer e triturar.

Rápida a passagem do pensamento à ação, em que se mantinha, em suas famosas campanhas, com uma solicitude, um zelo e uma tenacidade sem igual. A luta de anos que sustentou, até a vitória final, para dar corpo e alma ao serviço nacional de estatística; a

da reforma ortográfica; a redivisão do quadro político e territorial do Brasil que julgava um “remédio heróico” para neutralizar “as forças de dissolução que trabalham as estruturas econômicas e sociais”; a da mudança da Capital para o planalto de Formosa; as batalhas que deu ou de que participou, como Presidente da Associação Brasileira de Educação, para a reconstrução educacional do País; a cruzada brasileira em prol do “idioma neutro auxiliar”, – do esperanto, em apoio aos esforços e à dedicação de Couto Fernandes e de Carlos Domingues, entre outros, foram algumas das árduas peijas que travou, em campos diversos, passando deste para aquele com a segurança de quem operava sempre em seus próprios domínios. O interesse e o ardor com que se lançava a essas empresas não recuavam nem diante dos obstáculos que tinha de arrostar nem dos sacrifícios que impunham à sua saúde já abalada. Ao receber, em 1949, um convite que o obrigaria a transferir-se para outras esferas de ação, escrevia-me Teixeira de Freitas (26 de novembro de 1949): “Mas acabo de receber um convite sobre o qual terei de pronunciar-me terça-feira próxima e os seus termos estão exercendo sobre mim tremenda pressão, a ponto de me fazerem esquecer a quase invalidez física e intelectual em que me encontro. Creio que um imperativo de patriotismo me levará à renúncia do repouso esperado e ao sacrifício, embora seja este o

maior que me poderia ser pedido e me abrevie a vida”.

Com essa multiplicidade de interesse, essa capacidade de se dar até o sacrifício e de se mover por territórios os mais diversos, arriscava-se à superficialidade e à dispersão. Mas esse perigo a que tantas vezes se expôs, soube sempre vencê-lo e de tal modo que dava a impressão de nunca o ter corrido. É que tinha um grande poder de se concentrar e de absorver soma enorme de tarefas e atribuições, dando cabal desempenho a todas elas. Não era somente no seu gabinete de trabalho que conseguia delimitar, no campo de sua ação multiforme, o setor a que tinha de consagrar-se em determinado momento. Quando, em circunstâncias as mais diferentes, debatia qualquer problema ou submetia seus pontos de vista à apreciação de outros, conservava-se completamente alheio a tudo o que se passava à volta de si mesmo e da pessoa ou do grupo com que mantivesse conversação. Concentrava-se, ao ponto de se deixar absorver inteiramente, no estudo de cada um dos problemas que o preocupavam e das soluções que lhe pareciam melhores e eram não raramente “idéias”, às vezes lógicas demais para se ajustarem à realidade; concentrava-se ainda quando, impedido pela vontade de bem fazer, pelo firme propósito e pelo gosto da ação, se lançava à grande aventura de conquistar adesões para suas idéias e seus planos. Por conferências públicas, por cartas, freqüentes e longas, por palestras para as quais nunca lhe faltava tempo,

recomeçava, em cada campanha, o seu penoso trabalho de conquista e persuasão, por ataques sucessivos com que, se nem sempre vencida pelos argumentos, edificava a todos por seu idealismo e espírito público. Conversar então com Teixeira de Freitas era como que estar num confissãoário. Mas era ele quem se confessava primeiro, para que o outro, vendo-o tão de coração aberto, também se abrisse com ele.

Nesses processos de ação, por contatos e entendimentos repetidos, já se revelava o seu espírito essencialmente democrático, com qualquer coisa de apostólico, que se refletia também no gosto de trabalhar em **equipes**. Foi nesse sentido, extremamente vivo, de cooperação que nele nasceu e tomou corpo a idéia dos “convênios”. Era, sim, e muito dele, essa capacidade de proselitismo, mas sem qualquer violência nos gestos e nas palavras; e, quando se inflama, há mais emoção na defesa de suas idéias do que agressividade na oposição às idéias alheias. É certo que, católico praticante, julgava – em relação ao Brasil, como Gabriel Hanotaux, a respeito da França, no período do Consulado ao Império, – que, “privadas de religião, a infância seria sem guia, a morte sem consolação, a miséria sem socorro, e que a alma do povo mais sensível do mundo era ferida por essa exibição de ateísmo e por esse ostracismo do bem”. Mas a fidelidade às crenças e o fervor religioso associavam-se nele ao espírito de caridade cristã e de tolerância que o levava a consi-

derar e a respeitar os pontos de vista alheios. Conforme já se observou, há sempre, por toda parte, um partido do “nada a fazer”, do “dar tempo ao tempo”, da “política de braços cruzados”. Fácil de se constituir, fácil de sustentar, assegurado pela cumplicidade de toda a preguiça humana, “tomando as decepções por argumentos e as demoras de um dia por uma eternidade, alinha esse partido – escreve Hanotaux – cem razões das quais nenhuma satisfaz, pois se trata dos homens de quem não é permitido desesperar”. O partido de Teixeira de Freitas, quer pelas suas idéias políticas, quer por suas convicções religiosas, é, porém, o da ação, social e cultural, baseada no princípio da liberdade e da colaboração, da compreensão e confiança mútua, como na crença missionária de que mais podem sobre a inteligência e a vontade dos homens o exemplo e os apelos à razão, por uma catequese paciente, do que os recursos à violência e a quaisquer formas de imposição.

Líder e chefe experimentado, não gostava de trabalhar só; sabia escolher e agrupar em torno de si elementos de aptidões diversas, para as tarefas múltiplas de uma obra em comum. Feita a seleção de seus colaboradores, nesse ou naquele empreendimento, concedia-lhes largo crédito de confiança, dava-lhes oportunidades de se aperfeiçoarem em seus respectivos setores, estimulava-os por todas as formas e acolhia a todos, como amigos, de coração e braços abertos. Para

que persistisse a solução de coragem e de vontade numa obra que tinha de começar desde os alicerces, e se assegurasse, na administração, o *esprit de suite*, a continuidade sem ruptura, não havia outro meio mais eficaz do que o incentivo, a indulgência e a compreensão. Como tinha dos homens uma visão otimista (e o pessimismo que às vezes o assaltava, diante de decepções amargas, não tardava a ceder o lugar a esperanças quase ilimitadas), entendia que não lhe seria possível garantir aos serviços unidade e continuidade senão pelo recurso constante à cooperação. Daí, a idéia, a que sempre voltava, de convênios ou acordos entre a União e os Estados. Toda empresa em que se comprometessem a liberdade e o regime federativo do País, ele a julgava destinada ao insucesso. Para ele, só a cooperação interadministrativa, fundada em um pacto político cuidadosamente estabelecido (como, por exemplo, a Convenção Nacional de Educação e Saúde, segundo um de seus planos), levando os governos, federal, estaduais e municipais, a uma estreita solidariedade na ação comum, poderia resolver, em condições satisfatórias, o problema da educação nacional. Tentou, por isso, nos mais diversos campos, “os sistemas convencionais de compreensão nacional”, que realizou, com grande êxito (ou, em suas modestas palavras, “ensaçou, embora timidamente”), quanto à estatística e à geografia.

De todos os problemas, – e são numerosos os

que lhe atraíam a atenção ou lhe absorveram o pensamento, – aqueles a cujo estudo mais particularmente se dedicou, foram os da estatística e geografia e os da educação. Na esfera estatística ninguém o subrepujou em serviços prestados ao País. Não fossem, de fato, o seu ardente idealismo e a sua pertinácia, aliada a notável capacidade de ação, e não teria dado ao Brasil a melhor, a mais sólida e bem planejada organização dos serviços estatísticos. Não se conhece, na América Latina, estruturação não digo superior, mas igual. É, essa, uma obra sua, – o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de que foi o idealizador e organizador. Foi ele que teve a iniciativa da criação do *Anuário Estatístico do Brasil*, da *Revista Brasileira de Estatística*, da de *Geografia* e, por fim, da *Revista Brasileira dos Municípios* (1949). Como Secretário-Geral do Instituto, ele lançou em 1954 a idéia da Faculdade Nacional de Ciências Estatísticas, – o novo instituto ibgeano de ensino, que foi, segundo suas próprias palavras, “um dos mais belos sonhos que acariciou durante muitos anos”. Foi ele que encaminhou pessoalmente a realização, no Brasil, de junho a julho de 1955, dos Congressos Interamericano e Internacional de Estatística, sendo este o primeiro de âmbito nacional que se reuniu no Rio de Janeiro. Pode-se, pois, imaginar, diante do interesse que sempre tomou pela estatística, e da competência e dedicação com que a serviu, a surpresa com que ouviria a “**boutade**” de Lord

Palmerston, para o qual “existem três formas de mentira: a simples mentira, o perjúrio e a estatística...” Para Teixeira de Freitas, que dotou a testa do organismo nacional desse olho de cíclope, que é o IBGE, nada mais importante, de fato, nem mais grave do que a representação e a explicação dos fenômenos pelas observações e análises quantitativas de massa.

No plano educacional não foi menor nem menos constante a contribuição que trouxe ao estudo e à solução de problemas fundamentais. Todas as técnicas de investigação ao seu alcance e, particularmente, a estatística, ele as explorou e pôs a serviço da educação, em pesquisas e comunicações em que a cada afirmação se seguiam, para documentá-la e prová-la, os dados pacientemente coligidos, interpretados e confrontados. Algumas delas se tornaram famosas pelo rigor da aplicação dos métodos e pela importância de suas severas conclusões, fundadas em fatos e números. Não houve campanha em que não tivesse tomado parte ativa, e na vanguarda, com bravura, superioridade de vistas e dedicação modelar. Professor, não era de profissão. Mas, na verdade, passou a vida ensinando, doutrinando e pregando, em discursos e conferências, por publicações de tipos diversos, – estudos, ensaios e monografias, por entrevistas aos jornais, por cartas e por essa técnica de comunicação em que era mestre, – a da conversação. Ele foi, à maneira de tantos outros, um professor sem cátedra. Entre os

excelentes trabalhos que publicou, nesse domínio, destacam-se *A educação no Estado da Bahia*, *Estatística e educação* e *A educação no Brasil*. Com ser, porém, um dos líderes autênticos da educação no Brasil, cuja autoridade era reconhecida por todos nós, a sua modéstia e o seu desprendimento pessoal sempre o levaram a considerar-se em segundo plano e a situar no primeiro aqueles educadores que ele se comprazia em chamar com reverência “os três cardeais da educação”.

Suas idéias e exposições, que se esforçava por serem análises objetivas, e tantas vezes o foram, de admirável lucidez, traduziam com freqüência tanto a força do pensamento quanto as emoções que nasciam do seu coração mais do que de seus sentidos. Essa carga emocional de um homem que vive e sente suas idéias; que luta por inseri-las no real, agreste e nem sempre fácil de apanhar, é que o faz às vezes desprender-se do chão para planar numa paisagem de sonho que o coração lhe escolheu. É certo que algumas de suas idéias que a muitos pareciam utópicas, ou já se incorporaram ao mundo das coisas concretas ou já se discutem como pontos de vista aceitáveis: é que a maneira com que se apreciam idéias ou se encara uma obra, nunca é a mesma, com alguns anos de intervalo... Mas sonhador o era, e freqüentemente se revelava como tal, por seu idealismo utópico, por sua tendência a conceber e projetar as coisas em grande, como por uma espécie de megalopia, e pelo seu gosto do completo e do aca-

bado. Ele mesmo o reconheceu em várias ocasiões, como na carta de 5 de abril de 1950, em que me agradece “as palavras de interesse pelas **velhas** idéias deste sonhador que outra coisa não foi na vida senão um colecionador de números”. Essa singular mistura de realismo e de imaginação; de sedução pelo grandioso e do gosto de detalhes que o levam à prolixidade; de um espírito geométrico e maciço nos seus planos e impulso para o ideal, constituía mesmo uma das características da forte personalidade de Teixeira de Freitas, que, embora sempre disposto a apegar-se aos números para agarrar a realidade, se deixava por vezes arrebatado pela fantasia em construções arbitrárias.

O sentido da objetividade nem sempre prevalecia sobre o espírito lógico que, operando sobre a observação dos fatos, deles, no entanto, se desgarrava para se comprazer em largos planos, arquitetados com admirável unidade de concepção. Belos e grandiosos esquemas, esses, que erguia às vezes, como o da redivisão política e administrativa do país, mas planos, afinal, cuja estrutura, coerente e orgânica, não resistia aos impactos da realidade, extremamente complexa, e das tradições locais e nacionais. Dir-se-ia que o nosso Teixeira de Freitas, mestre e sonhador da ordem ideal, sempre à busca da verdade, era impedido a identificá-la com a beleza e a harmonia de uma construção lógica. Não tendo o sentido das nuances e da relatividade das coisas, tendia a concentrar-se antes nas cores vi-

vas, nas distinções fortemente marcadas do que no matiz, ou nas diferenças pouco sensíveis, em que é mais fácil encontrá-la do que nas soluções extremadas e radicais. “Il n’y a de vérité que dans les nuances”, como dizia Talleyrand. Mas com a força, a originalidade e a franqueza de seu talento não só nos obrigava a refletir como também abalou preconceitos, destruiu erros e abriu perspectivas novas em trabalhos que lhe permitiram, numa demonstração lógica e estatística, – e de uma clareza evidente, – trazer importantes contribuições à solução de problemas vitais. No meio das discussões, mesmo quando não se pudessem aceitar seus pontos de vista ou as conclusões a que chegava, suas pesquisas e meditações pacientes traziam sempre fatos positivos e opunham a conceitos apressados o testemunho de experiências precisas.

Em lutas, tantas e tão árduas, sustentadas sem desfalecimentos, não podiam faltar, como não lhe faltaram, incompreensões e hostilidades mesmo da parte daqueles de quem menos podia esperá-las. Dentre as campanhas que teve de enfrentar (e nenhuma delas, felizmente, partiu de educadores), a que mais lhe doeu foi a investida “cuidadosamente preparada por alguns dos que se diziam seus amigos e discípulos”. Campanha, segundo me escreveu, “premeditada, fria e cruel”, a que contra ele se desencadeou, em 1951 e 52, já nos últimos anos de sua vida e dentro da própria instituição que criou, – o Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística. Nesses momentos, “os mais angustiosos de sua vida pública”, como me confessou com amargura em uma de suas cartas (14 de janeiro de 1952), acompanhei de perto os sofrimentos, os desgostos e as preocupações que lhe trouxeram. O que o afligia, porém, era menos a injustiça, a ingratidão dos homens, do que o risco a que expunham a sua mais bela e importante criação. “O que estão pretendendo (escrevia-me em 29 de abril de 1952), não é apenas destruir; têm eles em vista ao mesmo tempo não só ‘infamar’ a instituição, em seus princípios e seus resultados, como também ‘difamar’ os que a edificaram, e entre os quais não posso deixar de me reconhecer o principal responsável”. Estavam, de fato, em jogo o prestígio e a vida do Instituto que ajudou a fundar e de que foi o grande organizador. A sua reação não podia, pois, tardar, e a sua defesa foi completa, irretorquível, esmagadora. Ela se contém, inteira, no trabalho *A crise do IBGE*, com que confundiu os seus inimigos (quem imaginaria que podia tê-los!), desmascarou as calúnias, rebateu as mentiras, restabeleceu a verdade, repondo em seus termos exatos todas as questões que se levantaram.

Vivendo, como se vê, uma vida intensa, quase no tumulto, Teixeira de Freitas era, no entanto, por menos que pareça, um solitário. Esse homem, que dispunha de vasto círculo de relações, e um dos mais respeitados no Rio de Janeiro, amava realmente a soli-

dão e evitava por todas as formas desperdiçar a vida nos salões ou malbaratá-la em reuniões mundanas. Dava-se a poucos, mas dava-se totalmente aos que logravam entrar na sua intimidade. Independente, habituado a falar como se pensasse em voz alta, fugia à sociedade, convicto de que, conforme observou Chamfort, “para ser feliz, vivendo no mundo, há aspectos da alma que é preciso paralisar inteiramente”. E ele não se dispunha, nas conversações e na convivência, a sacrificar nenhum. Com seus efeitos, quase tão agradáveis, por sua sinceridade radical, como suas qualidades eminentes, Teixeira de Freitas não era homem para se disfarçar em uma dessas mil máscaras sob que se ocultam os freqüentadores da sociedade, nem, para ser querido e admirado, precisava de quaisquer artifícios de dissimulação. Demais, se há certas almas que, “no sofrimento, têm o desejo de uma solidão em que se confinam, outras, e mais numerosas, não amando bastante sua dor, para ficarem à vontade, a sós com ela, procuram o divertimento”. Ele, ao contrário, ou se recolhia ou buscava o trabalho. Pensava e repensava suas idéias e seus projetos, com tanta obsessão, – em casa, nos encontros com amigos, na vida pública, – que parecia, mesmo na ação e na hora da tempestade, viver só a sua vida interior, voltado para si mesmo e para suas altas cogitações. Não me lembra ter conhecido alguém que vivesse os seus problemas, – os de seu país –, tão profundamente como ele os viveu.

No trabalho desinteressado não buscava apenas um meio de servir à coletividade, nem somente um refúgio para o espírito inquieto, mas um instrumento de ascese interior, tanto no sentido grego da palavra, isto é, aplicação e estudo, quanto na acepção, que mais tarde somou, de certo estado de alma, de aspiração às mais altas virtudes. Essa observação tive um dia a oportunidade de fazê-la a ele próprio, sob a impressão das idéias e dos sentimentos que o impeliam a agir, revelando-nos as razões profundas de sua conduta e de suas atitudes. Teixeira de Freitas fechou os olhos, como para se consultar a si mesmo, sorriu e concordou. Trabalhava sem cessar, trabalhava, sobretudo, para se aperfeiçoar e santificar-se, pois se faz maior bem pelo que se é do que pelo que se faz. Católico fervoroso, não descurava, por mais intensas que fossem suas atividades quotidianas, a sua vida espiritual. A Saint-Exupéry entristecia “a ausência de substância humana na sua geração”. Para ele, “só há uma problema em todo o vasto humano: dar aos homens uma significação espiritual, redescobrir uma vida do espírito mais alta do que a da inteligência”. Essa também foi uma das razões do retraimento de Teixeira de Freitas, que nos deu, “em substância humana”, o que, em grande parte, faltou à nossa geração, e cuja vida da inteligência, por mais alta que tenha sido, não superou a do espírito, tão profundamente cultivada que a sua atividade constante, seu interesse pelos problemas do País

e sua familiaridade com os números nunca chegaram a comprometê-la. Essa, uma de suas preocupações principais, como pude observar, em nossas palestras, e se depreende do sentido de uma obra que tinha em preparo e não sei se deixou concluída, mas a que se refere em uma de suas cartas (20 de novembro de 1949), “obra de índole filosófica e religiosa, onde venho tentando (dizia-me ele) reunir prolongadas meditações e lutas espirituais”.

Natureza reta, coração aberto e caráter generoso, foi ainda amigo exemplar pela lealdade, tolerância, polidez e por sua dedicação comovente. A delicadeza para com os amigos, vindos de outros Estados, era tal que raramente podiam estes antecipar-se à sua visita. A primeira julgava que lhe cabia, e reclamava para si as primícias das atenções. Bastava que um amigo lhe participasse a chegada ou dela tivesse conhecimento para que logo corresse a trazer-lhe as boas vindas. Era de extremo rigor e de uma finura cativante no cumprimento dos deveres da hospitalidade. Não me lembra de ter ido ao Rio sem que recebesse, entre as primeiras visitas, a desse ilustre brasileiro. Ninguém, aliás, mais do que eu podia testemunhar a sua capacidade de admirar e de dedicar-se, a sua natural tendência a esquecer-se de si mesmo para pensar nos outros. Foi por sua sugestão que, em 1939, fui eleito e, em seguida, nomeado Presidente da Comissão Censitária Nacional, – cargo que não me foi possível aceitar, e a

seus rogos e apelos é que resolvi escrever, como Introdução ao Recenseamento de 1940, a obra *A Cultura Brasileira*. Ainda me lembro, em todos os seus incidentes e detalhes, da pressão que exerceu para que não declinasse do cargo, e do assédio que sustentou, – nesse caso, com êxito, – para vencer minha resistência a aceitar a tarefa de que me incumbira o Instituto sob sua alta direção. Abria-se uma vaga na Academia Brasileira de Letras? Exonerava-se ou estava para se demitir o Ministro da Educação? Era para este ou outro amigo distante que logo se voltava seu pensamento, na profunda convicção de sua parte (certamente ilusória, quando se tratava de meu nome) de servir à cultura e à educação nacional. Essa, a sua única maneira de conspirar contra amigos, que outra não lhe tolerava a lealdade nem lhe consentia a generosidade de coração: na trama que então urdia, não sei o que mais nos espantava, se a sutileza dos fios tecidos, se o esforço que nos era preciso para rompê-los.

A EXTRAORDINÁRIA FIGURA
HUMANA DE
M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

LOURENÇO FILHO

Discurso pronunciado pelo grande educador Lourenço Filho, em nome da Associação Brasileira de Educação, na sessão pública realizada no auditório do Ministério da Educação (Rio de Janeiro, DF), em homenagem à memória do Dr. M. A. Teixeira de Freitas, no primeiro aniversário de sua morte.

NENHUM dos grandes aspectos da vida nacional deixou de atrair o espírito de Mário Augusto Teixeira de Freitas. Para só citar alguns: a geografia, a redivisão político-administrativa, a economia, a reforma ortográfica, a reorganização do serviço público civil, a imigração e a colonização.

Não haverá um só desses aspectos, também, a que o seu coração não tenha comunicado alguma coisa de força e de nobreza, qualidades em que a sua alma se transfundia.

Que explicava esse esforço inaudito?... A inquietação de espírito?...

Não. Nenhuma inteligência era mais calma e repousada.

O desejo de aparecer?... Não. Nenhum homem era mais simples, mais modesto, mais desejoso de esconder-se na hora dos aplausos e das demonstrações de reconhecimento, a que sempre fez jus.

O que o explicava era o desejo de melhor conhecer para **bem servir**. Teixeira de Freitas era, antes de tudo, um enamorado de nossa terra e de nossa gente. Amou-as com fervor, e essa foi a primeira e grande lição de sua vida exemplar. E amou-as com lucidez, procurando a cada dia, a cada instante, conhecê-las com maior profundidade, para melhor compreendê-las em suas complexas condições.

Isso explica a sua devoção à estatística, instrumento de conhecer e de habilitar a decisões menos inseguras; e isso explica a sua devoção à educação e às realizações de cultura, ou seja, aos meios de melhorar o homem para engrandecimento do País.

Se assim quiserdes, a análise e a síntese. Se assim quiserdes, o desejo de perquirir em profundidade, para melhor compreender; mas, também, para unir, congregar, solidarizar, no plano do espírito e no das realizações práticas. Examinai qualquer dos belos estudos de Teixeira de Freitas; a cada passo, encontrareis essa atitude, viva e palpitante, que o emprego de uns tantos verbos, tão de seu agrado, e por ele sempre utilizados com propriedade, fazia ressaltar: **examinar, discriminar, prefigurar, configurar, consubstanciar...**

Examinar e discriminar **realidades**: prefigurar

ideais; configurá-los no **meio brasileiro**, consubstanciá-los em **iniciativas criadoras**. Tal era o seu estilo ao escrever; tal o seu estilo de vida.

A estatística representava o recurso de investigação. O alvo era a melhoria da vida social, mediante a educação. Nas realizações de ensino popular e nas de mais alta cultura, encontrava Teixeira de Freitas como que um denominador comum dos seus ímpetus de patriota, suas elocubrações de pensador social, suas nobres aspirações de melhoria da vida coletiva.

Bastaria essa modalidade geral de seu espírito para que a Associação Brasileira de Educação aqui se fizesse presente, nesta solenidade de tanta expressão cívica. Bastaria essa direção geral de suas atividades pelo bem comum, para que essa agremiação aqui lhe rendesse culto público, de entranhada admiração e respeito.

Teixeira de Freitas figura na galeria dos mais eminentes educadores do País. Figura entre os que melhor compreenderam a sociologia e a política educacional de nosso tempo, entre os que mais se bateram pelas conquistas da educação popular; entre os que mais a fundo penetraram no estudo de fatores e circunstâncias de nossa formação cultural.

O dever da ABE não se esgota, porém, nessa reverência que lhe deve. Por que ela poderia assumir certo caráter impessoal, no sentido de desligar-se dos atributos de sua personalidade excepcional. À família

abeana aqui compete, com maior emoção (mas, com justificado orgulho), declarar que Teixeira de Freitas era um **dos seus**; e que, entre os seus, ele era um guia, um condutor, um líder autêntico. Poucos, de fato, já terão, como ele o sabia fazer, sentido essa agremiação como uma comunidade de espírito e de sentimento voltado para o bem comum.

Parece mesmo que o nome abeano foi por ele criado, não só para distinguir os membros dessa comunidade, mas para a eles impor maior consciência de deveres, maior preocupação com os objetivos do grêmio, mais viva noção de sentir coletivo.

Há um longo período da história da Associação Brasileira de Educação que não poderá ser escrito sem que se mencione a cada linha o nome de Teixeira de Freitas. A partir de 1931, foi ele o grande fautor de toda uma série de brilhantes conferências nacionais de educação. Foi ele o realizador, numa dessas conferências, do batismo cultural de Goiânia. Foi ele o criador das “exposições do ensino e educação”. Foi o autor, o coordenador, o editor de grande número de publicações de mais alta valia para os educadores. Foi ele, na presidência da Associação, o animador de sua expansão nacional. Numerosos projetos e planos por que a ABE se bateu e agora se bate, são de sua inspiração, senão de sua pena de mestre, em todas as minúcias.

Como em todos os meios em que atuou, mau grado a sua natural modéstia e o empenho em traba-

lhar anonimamente, Teixeira de Freitas tornou-se na ABE (quisesse ele, ou não), um intérprete de aspirações gerais, e, por isso, um condutor natural. Muitas e muitas vezes, nos casos mais intrincados, a primeira pergunta que ocorria à maioria dos **abeanos**, sempre foi esta: “Que pensa o Dr. Teixeira de Freitas sobre o assunto?...” E não poucas vezes, houve quem dissesse: “Mesmo as coisas **impossíveis** tornam-se **possíveis** quando o Teixeira de Freitas se põe à frente delas.” E isso exprimia a verdade.

Seus mais importantes trabalhos e conquistas, ele os sabia repartir generosamente com os companheiros. Ele nos ensinava o desprendimento pessoal, o desapego às vaidades, o esquecimento de qualquer mágoa, o valor da tenacidade, a força do trabalho desinteressado.

Como a Associação Brasileira de Educação não há de orgulhar-se dele, por assim haver cooperado, assim ensinado, assim animado?...

Nesta cerimônia, em que se recorda a memória de um grande brasileiro, e também de um grande **abeano**, a Associação Brasileira de Educação deve, em síntese, declarar:

“Teixeira de Freitas merece o culto cívico que devemos aos mais eminentes educadores do País. Teixeira de Freitas merece o reconhecimento da agremiação que tanto soube enaltecer, defender e engrandecer.”

E ainda e também: “No coração de todos quantos tiveram a fortuna de com ele diretamente colaborar, há um amargo sentimento de saudade, como só se pode sentir por um companheiro forte e bom, a cujo convívio todos se sentiam mais seguros no que pretendiam, mais confiantes nas vitórias do espírito, maiores e melhores pelo reflexo de seus atributos de caráter.”

Exaltar a memória de Teixeira de Freitas, será, sempre, obra de verdadeira educação. Porque será, exaltar os ideais construtivos da nacionalidade, que nele sempre encontrou o paladino mais vigilante, e o servidor mais incansável.

UM GRANDE BRASILEIRO:
M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

WALDEMAR LOPES

Discurso feito na sessão mencionada na página 59, presidida pelo então titular do Ministério da Educação. O Acadêmico Waldemar Lopes falou pela Sociedade Brasileira de Estatística e pelos colaboradores diretos do Dr. M. A. Teixeira de Freitas.

A O falar pela Sociedade Brasileira de Estatística, nesta sessão em homenagem à memória de Mário Augusto Teixeira de Freitas, devo exprimir, desde logo, o agradecimento de sua Diretoria a todas as prestigiosas entidades solidárias no preito de reconhecimento à figura admirável do servidor público que, pelo bem do país, “tudo deu de si sem pensar em si”. Ocorre-me assinalar que as instituições aqui representadas, para esse ato de justiça, refletem, em suas finalidades específicas, nos planos da cultura ou da administração, idéias, objetivos e aspirações que foram a seiva e a flama da vida apostolar de Teixeira de Freitas e a que dedicou ele o entusiasmo criador de sua grande alma generosa.

No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – de cujos fundamentos jurídicos e técnicos foi o idealizador e a cuja consolidação devotou sua extraordinária capacidade realizadora – e na Sociedade Brasileira de Geografia, podemos identificar a coincidência naquele esforço a que aludiu, como algo supremo de sua vida, para conduzir o Brasil “à posse de uma consciência objetiva de si mesmo”.

Na Associação Brasileira dos Municípios e na Fundação Getúlio Vargas, duas outras graves preocupações de seu patriotismo: a valorização da vida municipal, como base das grandes reformas de que o país necessita, para que asseguremos ao homem brasileiro as condições indispensáveis a seu bem-estar e felicidade, e o empenho da racionalização do trabalho, nas esferas do serviço público e da iniciativa privada, de modo a dotar o Brasil de maiores recursos de progresso, pelo melhor rendimento das energias de sua gente.

Na Associação Brasileira de Educação e na Liga Brasileira de Esperanto, aquele sistema de princípios e conceitos em que se traduziu o seu permanente interesse pelos direitos fundamentais do homem e sua nobre preocupação em ver consolidadas, através de um instrumento novo de comunicação e entendimento, a paz e a solidariedade entre os povos.

Geografia, Estatística, racionalização administrativa, Município, Educação, Esperanto – aí estão, com efeito, as principais coordenadas da atividade intelectual de Teixeira de Freitas, em sua longa vida pública; aí estão os motivos condutores das campanhas a que imprimiu o cunho de seu talento criador, de sua excepcional intuição e, sobretudo, de um idealismo fecundo e dinâmico.

A vocação das grandes causas levou a muitos outros campos de interesse as suas inquietações em face dos problemas que lhe tocavam mais profundamente o espírito. No âmbito internacional, participou de iniciativas como a da criação do Instituto Interamericano de Estatística, a todas prestando, sem fugir à discrição de quem se comprazia no trabalho ignorado, o máximo de apoio e colaboração. Resultaram-lhe dessa atitude, em diferentes circunstâncias, posições de relevo que, se o honravam, sem envaidecê-lo, constituíam, antes de tudo, razões de prestígio para o Brasil.

Não há de ser, porém, nos poucos minutos de uma sessão como esta, em que sentimos os corações ainda feridos pela perda do *leader* magnânimo e do companheiro insubstituível, que se tornará possível fixar, para o julgamento da História, uma individualidade de tão múltiplas facetas, na modéstia

desconcertante que lhe caracterizava a agilidade mental e a lúcida percepção dos homens e das coisas.

Ele era, além do mais, um desmentido vivo ao conceito de Aristóteles, em sua “Ética”, segundo o qual a humanidade comporta uma grande divisão dicotômica: os homens meditativos e os homens de ação. Sendo um homem de intensa vida interior, cuja obra obedecia, a bem dizer, aos impulsos de verdadeira força mística, Teixeira de Freitas era, igualmente, dotado de prodigiosa capacidade de ação, vigilante e enérgico no zelo pelas realizações que empreendia e de brava combatividade no entusiasmo e pertinácia com que defendia as idéias por que se deixava empolgar.

Se é certo, portanto, que só na perspectiva do tempo se poderá fazer justiça à sua contribuição intelectual para a formação de uma consciência objetiva dos problemas brasileiros; se é certo que só então se poderão apreciar, com a necessária precisão, muitos dos planos de reforma expostos em trabalhos magistraes, cedo não é para que se vão recolhendo os testemunhos daqueles que, tendo tido o privilégio de servir sob suas ordens e com ele conviver durante longos anos, receberam nesse convívio um legado espiritual de que se orgulham; e podem oferecer, por isso, aos que amanhã julgarão a obra, sem que tenham conhe-

cido o homem – o homem, este sim, a medida de todas as coisas – depoimento justo e verdadeiro sobre as suas exatas dimensões morais.

E ante esses testemunhos, seria o caso de renovar a pergunta consoladora: “Morte, onde a tua vitória?” O que ontem era o estímulo do exemplo adquiriu agora uma densidade nova, convertido na força imutável do símbolo. Poucos homens, na verdade, terão transmitido aos que mais de perto o conheceram uma impressão tão viva de riqueza interior, de sinceridade e idealismo, como a que irradiava a personalidade de Teixeira de Freitas. Nada importa que, na humildade de sua maneira de ser, a alguns ele pudesse lembrar – como àquele escritor da Província, no primeiro contacto com o estatístico eminente que aprendera a admirar de longe – “um grande pássaro triste”. Havia, naquele pássaro triste, um permanente frêmito de vôo, uma flama íntima que lhe impelia o espírito para os ideais mais altos, uma consciência de dignidade humana da qual somente era lícito esperar atitudes altruísticas e desinteressadas.

Sua própria formação humanística, tocada pelo milagre da fé, lhe dava a noção nítida da precariedade dos bens materiais, em face dos dons supremos do espírito. Daí aquela suave tolerância, aquela doce bondade para com as fraquezas alheias, sem sacrifício do

respeito intransigente a certos valores essenciais que aos indivíduos e às instituições cumpre defender e preservar, acima de tudo. Como outra grande figura dos nossos dias, com quem se identificava inclusive no horror à violência, também Teixeira de Freitas se recusou a aceitar o que havia de mau nos homens; preferiu ver não o que na verdade eram, mas sim o que esperava eles fossem, “como se o que havia de bom neles” – para refletir a frase empregada em relação a Gandhi – “fosse tudo o que neles houvesse”. De nosso grande morto poder-se-ia dizer, como se disse de Leo Rowe, apóstolo do Panamericanismo, que era “cordato e conciliador quando se tratava de fórmulas de apaziguamento; inflexível e forte quando entrava em jogo algum princípio fundamental”.

Isto explica a transbordante generosidade de seus julgamentos e a tendência, que lhe era inata, de valorizar o mérito dos outros, abstraindo as fraquezas e deficiências, a fim de que, dando o melhor de si, contribuísse cada um, embora em escala variável, para o bem coletivo e o progresso social.

Mas, a quantos o tiveram como companheiro ou como chefe, o exemplo que mais fundamente nos transmitiu há de ter sido o da fidelidade a si mesmo; o do respeito ao sentido ético da vida; o da pertinácia e constância na defesa de suas idéias; o da noção rígida

do dever funcional; o do devotamento integral, sem quaisquer preocupações de outra ordem, ao ônus da função pública. Poucos, realmente, poder-se-iam apontar, no Brasil, capazes de semelhante doação da própria existência aos interesses do País, tal como o fez Teixeira de Freitas, o modelar “funcionário público nº 1”.

As forças poderosas de sua inteligência reagiam ao quotidiano burocrático, em que tantas vidas se acinzentam e anulam, para dele retirar virtualidades novas e estímulos maiores às aventuras do espírito, através das idéias que defendia e das soluções que propunha, em livros, ensaios, discursos, entrevistas e palestras, às questões e problemas que convertera em preocupações absorventes de todas as horas.

Bem poucos terão possuído tão notável poder de argumentação, aquela tremenda capacidade dialética de ir ao fundo dos assuntos, revirá-los pelo direito e pelo avesso, empregar todos os recursos de lógica, num esforço de persuasão em que até a aparente prolixidade adquiria um sentido novo, pois que nela não havia apenas o intuito de esgotar as próprias razões, mas sim o ânimo deliberado de destruir, por antecipação, todas as possíveis alegações do provável contraditor.

Lembro-me, neste momento, da espontânea confissão que me fez, em certa oportunidade, ilustre ho-

mem público brasileiro: “Deus me livre de que Teixeira de Freitas consiga falar-me de reforma territorial. Sou fundamentalmente contrário; mas, se fico a ouvi-lo, saio convertido...”

Em nossas lembranças mais gratas, nesse patrimônio imponderável que a convivência com as criaturas marcadas pelo selo das virtudes raras incorpora à experiência de vida de cada um de nós – e que é, em muitos casos, toda a nossa riqueza –, teremos presentes sempre aquelas reuniões memoráveis da fase heróica do IBGE, em que, sob o estímulo imprevisto de uma palavra, de uma idéia, de um conceito por outrem expresso, a eloqüência de Teixeira de Freitas se agigantava em súbitas fulgurações e, para apoiar, para dissentir, ou apenas para iluminar ângulos novos da matéria tratada, prendia-nos a atenção às vezes horas seguidas, em lições magníficas de sociologia política, de administração pública, de estatística, mas, sobretudo, de compreensão e generosidade humanas... Nesses momentos inesquecíveis, vividos por menos de uma centena de pessoas, presas do fascínio de palavras a que nem os registros taquigráficos assegurariam repercussão exterior, aquele pensador simples e ascético como que se transfigurava ao calor dos próprios ideais – e todo ele era uma só vibração messiânica.

Grandes, inesquecíveis momentos! Maiores ain-

da aqueles de que só terão participado os seus discípulos mais diletos – que mestre ele o foi no exemplo admirável de sua vida inconsútil – quando, em certos fins de tarde e pela noite adentro, nos deixávamos ficar a ouvi-lo, seduzidos pelo encanto mágico de seu idealismo, a expor-nos com a lógica de um espírito cartesiano, mas de inspiração larga e profunda, aquelas idéias generosas e aqueles esquemas de reforma social cuja única deficiência nenhum de nós se sentia com a coragem de apontar-lhe: a falta, na maioria das outras criaturas, das virtudes de desprendimento e magnanimidade que dele faziam um ente de exceção, na cidade dos homens.

Lembrarei aqui um episódio que me deixa, ainda agora, emocionado. Foi numa daquelas noites em que ficáramos longo tempo em seu pequeno gabinete de trabalho, simples como ele próprio. Demorara-se mais a falar-me de sua concepção do destino do homem, de sua maneira de ver os problemas da sociedade, das linhas básicas de seu pensamento filosófico, diante do mundo e diante de Deus. Como síntese de tudo, aludiu, por fim, à página de Emerson que lera na manhã daquele dia e na qual meia dúzia de palavras lhe pareceram a chave genial, a sùmula fecunda de uma existência consagrada à nobre aspiração de amar e servir: “atrelar o destino a uma estrela”.

Atrelar o destino a uma estrela... Este é o dom excepcional daquelas criaturas extraordinárias que, sobrepondo-se, pelo ideal, às contingências da pobre condição humana, “se vão da lei da morte libertando”. É a marca e o signo dos que pertencem a uma rara estirpe espiritual em que, pelo desprendimento, pela generosidade, pela pureza de intenções, tanto se pode ser o manso e humilde São Francisco de Assis como aquele que se chamou entre os vivos Mário Augusto Teixeira de Freitas.

ANEXOS

Campanhas e iniciativas de que participou o IBGE, sob a orientação de Teixeira de Freitas

COOPERAÇÃO interadministrativa da União, Estados e Municípios, pelo sistema convencional.

Implantação da ortografia simplificada com unidade lingüística entre o Brasil e Portugal.

Difusão e ensino do Esperanto e sua inclusão entre os idiomas oficiais da ONU.

Redivisão territorial do Brasil.

Sistematização da divisão territorial – administrativa e judiciária – das Unidades Federadas.

Instituição de Colônias-Escolas.

Revitalização do Município, instituição do “Dia do Município”, Congresso dos Municípios em vários Estados.

Mudanças, pela via constitucional, do critério da distribuição das rendas públicas entre as três órbitas de governo, de modo a beneficiar os Municípios mais equitativamente.

Transferência da capital da República para o Planalto Central.

Congressos de natureza técnica. Entre outros: Congresso Brasileiro de Educação; Congresso Brasileiro de Economia; Congresso Brasileiro de Geografia; Congresso Econômico do Oeste.

Revisão toponímica das cidades e vilas.

Prevalcimento do sistema métrico decimal.

Organização das Tábuas Itinerárias Nacionais.

Marcha para o Oeste. “Batismo cultural” da nova capital de Goiás, a cidade de Goiânia.

Elaboração de monografias históricas sobre a estatística regional.

Cursos de Férias da Associação Brasileira de Educação.

Criação de Bibliotecas Municipais nas sedes dos Municípios.

Reforma do Registro Civil das Pessoas Naturais.

Reorganização da Sociedade Brasileira de Estatística.

Elaboração das Efemérides da Estatística Brasileira.

Cursos de aperfeiçoamento para os funcionários dos serviços estatísticos.

Elaboração das Efemérides da Civilização Brasileira.

Revisão da nomenclatura das estradas de ferro.

Décimo terceiro mês nos salários do funcionalismo público e dos empregados das empresas privadas.

OBSERVAÇÃO - Nessa resenha não estão incluídas as iniciativas e realizações de total responsabilidade do IBGE, em sua rotina de serviços.

Teixeira de Freitas

ESTRADA E MUNICÍPIO



ESTADO DA BAHIA

Prefeitura Municipal de Alcobaça

Of. nº 91

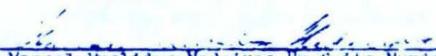
Alcobaça, 14 de fevereiro de 1957.

Sr. Agente:

Tenho a satisfação de comunicar a V.S. que no entrecamento da redevia que liga esta Cidade a Medeiros Neto com o ramal do porto de S. José, está sendo fundado um povoado, obedecendo todas as técnicas urbanísticas, que por deliberação desta Prefeitura, em homenagem ao grande criador de "I.E.G.E." recebeu o nome de Teixeira de Freitas.

Nesta oportunidade apresento a V.S. os protestos de estima e consideração.

Atenciosamente.


Manoel Euclides Medeiros - Prefeito Municipal.



DECLARAÇÃO



Declaramos, para os devidos fins, que procedemos buscas nos arquivos existentes nesta Câmara Municipal de Alcobaça e não constatamos a existência de qualquer Ato oficial criando, nos idos de 1.950, o povoado de São José de Itanhém, também conhecido por "Perna Aberta" ou "Tira Banha", nem quando o dito Povoado passou a ser denominado "Teixeira de Freitas" (•••)

Sabemos que o topônimo Teixeira de Freitas dado ao Povoado de São José de Itanhém, foi uma justa homenagem ao ilustre baiano e estatístico de renome, Dr. Mário Augusto TEIXEIRA DE FREITAS que, após, sua morte, a Direção Central do IBGE recomendou os Chefes de Agência do IBGE no Brasil para que intercedessem junto aos Prefeitos e Câmara de Vereadores para que denominassem um logradouro Público como nome de TEIXEIRA DE FREITAS em homenagem ao idealizador e organizador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A Inspeção da mesma autarquia na Bahia, conscientizou os chefes de Agência neste Estado, que intercedessem junto aos Poderes Legislativos e Executivos e Lideranças dos Municípios Baianos no sentido de, ocorrendo desmembramento de área para criação de novo Município, que fosse dado o topônimo TEIXEIRA DE FREITAS. Sabemos, também, que os Srs. Lourival Ildiceu Bastos e Miguel Geraldo Farias Pires, funcionários do IBGE, nesta região, empenharam-se nesse sentido, inclusive oficializando o pleito através de correspondência, e nunca deixaram de confirmar que a homenagem era ao estatístico, Dr. Mário Augusto TEIXEIRA DE FREITAS.

Do Projeto de Lei datado de 28.03.1.979 apresentada pelo Deputado Luiz Eduardo Magalhães à Assembléia Legislativa do Estado, e do Parecer da Comissão de Constituição e Justiça, datado de 30.03.1982, firmado pelo Deputado Naomar alcântara, para criar o Município de Teixeira de Freitas, desmembrado de alcobaça e Caravelas, que deu origem à Lei nº 4.452 de 09.05.1.985 (Teixeira de Freitas foi instalado a 1º de janeiro de 1.986), não fazem alusão à razão da homenagem quanto ao topônimo, na justificativa ao Projeto de Lei.

Ainda quando Teixeira de Freitas integrava o Território deste Município, o Ex-Prefeito Wilson Alves de Brito recebeu uma fotografia do estatístico Dr. Mário Augusto TEIXEIRA DE FREITAS, que encontrava-se no Gabinete do Prefeito naquele Povoado, ou seja no Centro Administrativo onde, ainda hoje, funciona a Prefeitura de Teixeira de Freitas.

Pelo que sabemos, e é voz geral, a homenagem a homenagem é ao estatístico Dr. Mário Augusto TEIXEIRA DE FREITAS e não ao não menos insigne baiano, Jurista Dr. Augusto TEIXEIRA DE FREITAS, que honrou e dignificou a Bahia, não fazendo sentido, assim entendemos, qualquer insinuação a respeito, para não distorcer a verdade.

Alcobaça, 16 de novembro de 1.994.


Valdir Lemos dos Santos
PRESIDENTE





A digitação e impressão desta plaqueta foram feitas em caráter particular, para a EDITORA LIVROS DE AMIGOS. Todos os trabalhos produzidos sob a égide desta Editora são distribuídos gratuitamente.

Correspondência para os autores pode ser encaminhada à Rua Arthur Muniz, 231, ap. 01, 51111-190 - Boa Viagem, Recife-PE.





Dois aspectos da casa em que nasceu M. A. Teixeira de Freitas, em São Francisco do Conde, Estado da Bahia. Remodelada, é sede, atualmente, do "Museu Teixeira de Freitas", onde se guarda grande documentação referente à vida e à obra do eminente brasileiro. É grande o número das pessoas que a visitam.